

O Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais

de Frei Bartolomeu dos Mártires

«Que o povo em alguma maneira entenda e goste o que se diz na Missa, pois para isso se diz».¹ Esta forma de conceber a comunicação da doutrina cristã e de alimentar a fé do povo cristão, em linguagem inteligível para o povo, claramente assumida por Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, define uma posição de clara ruptura com o espírito do seu tempo, marcado pelos ditames de uma cultura humanista,² que advogava um retorno às fontes da cultura clássica, com relevo para a utilização do grego e do latim, e também pelos receios de uma Igreja que procurava lutar contra os ventos de heresia com as poucas armas de que ainda dispunha, entre as quais podia contar com a língua latina. Esta era ainda um garante não só da unidade litúrgica de todo o orbe, mas também expressão e base de uma coerência de linguagem capaz de conservar intacta a inteligibilidade dos dogmas, ameaçada agora pelos ventos da Reforma protestante, ainda mais porque veiculados por uma defesa intransigente do vernáculo, tanto para a liturgia como para a reflexão teológica. A importância do *Catecismo* bartolomeano, para além do seu conteúdo doutrinal, decorre do facto de corresponder a um objectivo muito preciso do seu autor: facultar ao povo de Deus uma formação em ordem ao aprofundamento e esclarecimento dos conteúdos da fé através da escuta de um texto que poderia, por um lado, salvaguardar a ortodoxia num clero profundamente ignorante e, por outro, colmatar as graves deficiências de formação de um povo abandonado a si mesmo, limitado a uma prática religiosa incipiente e, muitas vezes, rondando a heresia, ainda que de modo inconsciente e inculpável.

O conteúdo do *Catecismo* revela um estágio já bastante maduro do pensamento teológico bartolomeano, sendo resultado não só de uma acurada preparação teológica e de uma considerável actividade docente, mas também da experiência adquirida nas primeiras visitas pastorais à Arquidiocese de Braga e aprofundada na preparação e na participação do

¹ Frei Bartolomeu dos Mártires, *Catecismo*, Proemium.

² O Humanismo renascentista cujos ventos sopravam de vários cantos da Europa, advogava um “regresso às fontes”, colocando em causa o edifício do sistema tomista de pensamento e de ensino, nomeadamente no que respeita à centralidade da Revelação para a Teologia. No entanto, Frei Bartolomeu, preocupado com os seus pobres, com os doentes, e uma formação do clero orientada para a ilustração e crescimento na fé do povo de Deus, encontrou uma forma de afirmar um sadio *humanismo* sem ser um humanista (Jorge Alves Barbosa, “Frei Bartolomeu dos Mártires, Doutor e Mestre em Santa Teologia” in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015).

«bracarense» nos debates da aula conciliar em Trento. Aí, teve oportunidade de apresentar não só preocupações de um jovem bispo, particularmente sensível à situação vivida pela Igreja, o que o levou a ser um dos primeiros a chegar a Trento, mas também a constatação da debilitada situação religiosa do seu povo e das limitações dos seus padres. Poderemos dizer que o presente texto revela ainda vários momentos de uma vida particularmente marcada pela reflexão e mesmo pela visão interior de uma criança «de olhos tortos» que recolheu de um avô já cego os ensinamentos e os exemplos que o fariam amadurecer demasiadamente depressa, ao ponto de encontrarmos, num adolescente que bate à porta de um convento dominicano, exibindo já as marcas de uma personalidade particularmente adulta. A forma romanceada, mas particularmente bela e expressiva, como Frei Luís de Sousa nos vai contando a *Vida do Arcebispo*, a partir de um primeiro esboço realizado pelo Provincial Dominicano, Frei Luís de Granada,³ revela os traços de uma personalidade e a força de um carácter que encontraremos estampada nas suas obras, e de uma forma particular no *Catecismo*, sua obra-prima, mesmo que não tenha conhecido a fama e a divulgação do *Estímulo de Pastores*.⁴

Nascimento, formação e actividade académica

Bartolomeu Fernandes, assim foi baptizada e registada uma criança, nascida em Lisboa, a 3 de Maio de 1514. Desde tenra infância, revelou especiais capacidades intelectuais e um gosto particular pelo estudo. Nas deslocações diárias para casa do mestre, acompanhava também o seu avô, já cego, que deixava, depois de ouvir missa, imerso em contemplação, na Igreja de Nossa Senhora dos Mártires. Por ali ficava o ancião, confiando o pequenito aos cuidados maternos de Maria, enquanto este recebia as primeiras lições de gramática.

³ Para além da mais conhecida e elaborada biografia bartolomeana escrita por Frei Luís de Sousa que haveria de imortalizar o biógrafo e o biografado, temos desenvolvimentos biográficos com orientação diversa em José Caldas, *Frei Bartolomeu dos Mártires, Profana Verba*, Coimbra Editora, Coimbra, 1922; Aquilino Ribeiro, *Dom Frei Bertolamen e As três desgraças nacionais*, Bertrand Editora, 1959; Mons. José de Castro, *D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros escritos sobre o Venerável*, Presbyterium, Bragança, reedição em 2014 e Frei Raúl de Almeida Rolo, *Venerável Bartolomeu dos Mártires – o Arcebispo Santo*, 1957, edição revista e actualizada por Jorge Alves Barbosa e publicada no contexto das comemorações do Quinto Centenário do nascimento de Frei Bartolomeu dos Mártires, pelo Instituto Católico de Viana do Castelo, em 2015.

⁴ *Estímulo de Pastores* é a obra mais conhecida de Frei Bartolomeu dos Mártires. Mesmo não se tratando de um trabalho destinado a ser publicado, foi divulgado e alcançou dimensão universal em virtude do interesse despertado não só no Provincial dominicano, Frei Luís de Granada, mas sobretudo no Cardeal Carlos Borromeu a quem Frei Bartolomeu oferecera uma cópia. Trata-se de uma recolha de documentos com textos de alguns Padres da Igreja sobre o perfil e missão dos bispos. Para além desta obra e da enorme lista bibliográfica do Arcebispo, destacaríamos o *Comentário aos Salmos* e o *Compêndio de Doutrina Espiritual*, estes, sim, destinados à publicação tal como o *Catecismo*.

Esta experiência familiar, marcada pela ternura e pela oração, aliada a uma formação particularmente cuidada, haveriam de lançar os alicerces de uma sensibilidade particular para a causa dos simples e desprotegidos, fazendo ainda despertar uma precoce vocação religiosa que foi crescendo à medida que as conversações com os frades do Convento de São Domingos lhe preenchiam a mente curiosa e desperta. Foi por isso que, a 11 de Novembro de 1528, apenas com catorze anos, bateu à porta do mesmo convento com o firme propósito de abraçar o ideal dominicano. Inesperadamente se viu confrontado com as dúvidas, receios e mesmo a oposição do respectivo Prior, Jorge Vogado, surpreendido com a convicção daquele adolescente que, ousadamente, se propunha seguir a vida de austeridade própria de uma ordem mendicante. Estaria ele disposto a abraçar uma vida de abstinência perpétua, jejuns prolongados, vigílias frequentes, pobreza no vestir, limitações no dormir? A resposta do jovem não se fez esperar: «Padre, trabalhos busco e aborreo mimos; por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo e sei que para a salvação me são necessários, busco a vida religiosa. Não temo esses, nem me assustam outros maiores, porque não há corpo fraco onde o coração é forte».⁵ Por aqui se definia um verdadeiro programa de vida, um carácter forte e decidido, mais tarde consolidado pela reflexão e leitura dos grandes ascetas, de que resultaria o *Compêndio de Doutrina Espiritual*, expressão de uma austeridade de vida que assumiu para si e não se inibia de apresentar como referência para os outros tanto na vida conventual como no paço episcopal de Braga. Não nos surpreenderá, por isso, o vigor com que, no *Catecismo*, propõe a vivência das virtudes humanas e teológicas: «Amar o Senhor de todo o coração e com todas as potências da nossa alma, não é outra coisa senão colocá-Lo antes de tudo, prezá-Lo e estimá-Lo mais que todas as coisas deste mundo e que nós mesmos, *scilicet*, amá-Lo e prezá-Lo mais que toda a honra, glória, fazenda e riquezas, e que todos os parentes e amigos, mulher e filhos. Finalmente, mais que a nossa própria vida, e carne e alma, estando aparelhados e prontos para antes perder tudo isto que ofendê-Lo e trespassar algum mandamento».⁶

Acolhido na comunidade dominicana, viria a fazer profissão religiosa a 15 de Novembro de 1529, mantendo o nome de baptismo a que acrescentou o apelido «do Vale» em memória do seu avô; mais tarde mudaria este nome para «dos Mártires» por devoção à padroeira da paróquia onde fora baptizado – Nossa Senhora dos Mártires – nome pelo qual ficaria conhecido. Já no contexto da sua formação conventual, em Setembro de 1537, passou Frei Bartolomeu o exame de Leitor de Artes e Teologia, ficando de imediato a

⁵ Frei Luís de Sousa, *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Livro I, Cap. II.

⁶ *Catecismo*, Livro I, Parte III, Cap. I.

leccionar Filosofia no mesmo colégio onde pouco antes era aluno. Tendo sido criada, em 1540, a mesma cátedra no Mosteiro da Batalha, nos estudos gerais que a Ordem de S. Domingos, aí passou a leccionar. Neste célebre mosteiro, haveria de consolidar não só o seu saber e desenvolvimento intelectual, mas também exercitar as virtudes de que dava exemplo aos seus alunos, e formando um carácter temperando a impetuosidade com que defendia as suas convicções com a serenidade e bondade que surpreendiam os seus interlocutores ou mesmo os mais encarniçados adversários. Uma encarnação da proposta evangélica: «sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas».⁷

Por volta de 1542, já Frei Bartolomeu passara da cátedra de Filosofia à de Teologia, onde passou os catorze anos que se seguiram na sua vida de professor; para estas aulas, foi elaborando um conjunto de notas e comentários, em latim, que acrescentava nas margens propositadamente grandes, das cópias que fizera dos textos dos mestres de Teologia, nomeadamente a *Summa Theologiae* de São Tomás de Aquino e as *Sententiae* de Pedro Lombardo, as maiores referências no mundo académico de então; com elas ilustrava nas ciências sagradas os seus dedicados alunos a quem passava também o entusiasmo do seu modo de ensinar e o estilo de vida, já que o grande objectivo do seu ensino era «fazer discípulos santos mais que doutos com a lição e para salvarem almas com a pregação»⁸. Tais notas e comentários, pensados apenas como textos de apoio às aulas e nunca com o propósito de uma publicação,⁹ formam um conjunto de volumosos códices hoje conservados, estudados e publicados sob a designação de *Escritos Teológicos*.¹⁰ Tais escritos, dão testemunho de um grande saber, da profundidade do seu espírito e da maneira

⁷ Mt 10, 16.

⁸ Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro I, Cap. IV.

⁹ “É minha intenção resolver, em breves palavras, em que consiste a verdade, como se poderão abordar as dúvidas que esta questão coloca, abordar as dúvidas que, não sendo explícitas, poderão surgir, e ainda apresentar aquelas dúvidas para as quais já temos a solução...”, são as palavras de apresentação dos *Escritos Teológicos* que ele não publicou, como diria Frei Luís de Sousa, “para não defraudar os pobres na quantia que nisso podia despende” tendo como consequência que, no comentário do mesmo biógrafo, “ficamos defraudados, os estudiosos, de um grande tesouro e utilidade principalmente nas obras pertencentes à Sagrada Escritura. O que tanto mais é de lamentar quanto maior é hoje a liberdade, ou o desaforo (por dizer melhor) no escrever e imprimir que vai crescendo, de sorte que receio que mais haveremos de vir a queixar-nos da impressão que lhe negar os antigos louvores” (Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro I, Cap. XXIII).

¹⁰ Códices esquecidos no Arquivo Geral da Ordem Dominicana em Roma, durante mais de dois séculos, foram, entretanto, estudados e publicados por Frei Raúl de Almeida Rolo, em latim, em edição do Movimento Bartolomeano, Braga, 1973-1977. “Os seis volumes de inéditos de teologia do Arcebispo são a fonte mais directa, mais rica e mais abundante que se poderia desejar para encontrar uma resposta certa e fundada a tantos problemas em suspenso já há alguns séculos, não só no que respeita ao Arcebispo, mas também à sociedade portuguesa e eclesiástica do seu tempo, assim como para a nossa cultura e sua transformação no século XVI”. (Frei Raúl de Almeida Rolo, *Formação e vida intelectual de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1977, p. 20). A Frei Raúl Rolo se deve, além do mais a publicação de outras obras do Arcebispo a quem dedicou praticamente toda a sua vida, incluindo uma edição do *Catecismo*, em 1964. Pode consultar-se uma lista dos trabalhos de Frei Raúl acerca de Bartolomeu dos Mártires em *Homenagem a Frei Raúl de Almeida Rolo OP, Frei António do Rosário OP*, Actas da Sessão da Academia Portuguesa de História, Lisboa 2006, p. 45-47.

inflamada com que explicava os mistérios de Deus. O prestígio das suas lições teve excelentes resultados: para além da qualidade da formação recebida pelos seus alunos pôde Frei Bartolomeu dos Mártires receber, em primeiro lugar, o reconhecimento real quando, em 1545, o Rei D. João III passava um alvará declarando as suas aulas dadas na Batalha como sendo válidas para obtenção do grau de Licenciatura em Teologia, como se tivessem sido dadas numa universidade pública; em segundo lugar, na sua carreira pessoal, recebeu o reconhecimento da Ordem Dominicana: o Capítulo da Província de S. Domingos de Portugal propunha a candidatura de Frei Bartolomeu para o grau de Mestre em Teologia ao Capítulo Geral que a Ordem ia reunir em 1551, na cidade de Salamanca. As provas prestadas pelo jovem professor no referido Capítulo Geral foram de tal forma brilhantes que lhe foi concedido o título de *Doutor e Mestre em Santa Teologia*,¹¹ tendo em conta, segundo se lê no respectivo certificado, a «suficiência de doutrina e destreza de engenho».

Missão Pastoral de Arcebispo de Braga

Quanto tudo fazia prever uma prolongada e fulgurante carreira de professor de Teologia, eis que inesperadamente, por morte do bispo Frei Baltasar Limpo, se vê convidado pela rainha regente, Dona Catarina, a conselho do seu Provincial, Frei Luís de Granada, para o lugar de Arcebispo de Braga. Foi um convite inesperado e indesejado ao qual procurou resistir o mais que pôde, ao contrário de tantos outros que almejavam ocupar tão honroso cargo. Obrigado, em nome da obediência religiosa, a aceitar o convite, que implicava uma mudança de vida particularmente dolorosa para os seus ideais de simplicidade e pobreza, próprios de uma ordem mendicante que entusiasticamente abraçara, aceitou a nova missão como quem recebe uma «cadeia de ferro», uma «camisa-de-forças» – uma «braga», como ele dizia, jogando com o nome da Arquidiocese – que carregou quase até ao fim da vida, e que lhe inspirou, entre outros, este lamento perante o Papa Pio IV com quem se encontrou em Roma: «Não sei por que mau fado meu (falemos um dia como seculares) me foram tirar dos claustros e de sobre os livros para Arcebispo; eleição tão fora de razão e de caminho que, todas as vezes que nela cuido tenho grande lástima das consciências dos que me elegeram e muito maior da minha e de mim que a aceitei. Bem é verdade que me alivia muito a resistência que fiz e uma lembrança que, se aceitei, foi forçado e compelido por

¹¹ Mais propriamente o título de “Doutor e Mestre em Santa Teologia”, o que equivalia a um doutoramento, conferido no dia 17 de Maio de 1551, no mesmo Capítulo Geral da Ordem Dominicana em Salamanca, local e momento onde eram apreciadas as competências dos mestres dominicanos de Teologia.

obediência de prelado. Mitra me puseram na cabeça e o peso do monte Apenino inteiro sobre o coração».¹²

Foi assim que, sagrado bispo no dia 3 de Setembro de 1559, na Igreja de São Domingos em Lisboa, rumou de seguida a Braga onde chegou no dia de São Francisco de Assis, 4 de Outubro. No paço episcopal bracarense, habituado ao fausto próprio da corte, Frei Bartolomeu, procurou manter o estilo simples e austero da vida conventual para admiração e edificação de uns e para espanto e escândalo de outros, até entre os seus confrades dominicanos, e ainda para desgraça de muitos funcionários por ele considerados inúteis e que, por isso, tiveram que ser dispensados.¹³ Nos primeiros meses do ano seguinte, em pleno Inverno, iniciava a sua vida pastoral, deslocando-se às paróquias mais abandonadas do enorme «hospital» como ele designava a sua Arquidiocese, paróquias situadas para as bandas do Barroso, onde foi de imediato confrontado com a surpresa do contraste entre a sua eminente preparação teológica e a crassa ignorância do povo e do clero diocesano.¹⁴ Mal podemos imaginar a reacção do Doutor e Mestre em Santa Teologia, profundo conhecedor dos comentários de Caetano às *Sentenças*, senhor das mais recentes e actualizadas apertações de Francisco de Vitória ou Melchior Cano às teses de Teologia tomista, escutar dos seus diocesanos de Covas do Barroso, entusiásticas aclamações e expressões de fé como esta: «Benta seja a Santa Trindade que é irmã de Nossa Senhora!»¹⁵. Esta surpresa, que levaria qualquer outra pessoa à frustração e ao desânimo ou então a ceder à tentação de uma ingénua identificação com o espírito e a pobreza de um povo ignorante, como fizeram outros clérigos e prelados, abandonando-o à sua sorte, teve em Frei Bartolomeu uma reacção totalmente diferente. Ele não precisava de esquecer nem abandonar a sua condição de teólogo, não precisava de ignorar os estudos realizados e as riquezas acumuladas por uma actividade docente, no ambiente académico da Batalha ou de Lisboa; tinha agora oportunidade de colocar à disposição do povo de Deus as riquezas da ciência divina, por meio de uma pregação, simples mas profunda, deixando nas paróquias que visitava a garantia de um cuidado acompanhamento, não só através da formação do

¹² Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro II, cap. XXVII.

¹³ Entre esses funcionários, criados de quarto, copeiros, tratadores das mulas, etc., estaria até um “trinchador” de carne que Frei Bartolomeu dispensou dizendo que ainda tinha bons dentes...

¹⁴ A ignorância religiosa do povo não existia apenas no tempo de Frei Bartolomeu; muitos outros Arcebispos se haviam confrontado com a necessidade de doutrinação do povo simples, desde São Marinho de Dume, um dos primeiros bispos de Braga, que nos deixou nesse contexto a obra *De correctione rusticorum*. Nunca foi apanágio das gentes desta região uma sólida e consciente formação e prática cristã, permanecendo sempre uns laivos de superstição e apreço pelo oculto bem como uma enorme resistência à novidade e ao esclarecimento doutrinal. Esta gente parece acreditar mais facilmente no que não sabe nem quer explicar. Se lhe é apresentada uma explicação um aprofundamento, um apelo à compreensão, começa a duvidar do conteúdo e do portador da mensagem.

¹⁵ Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro III, cap. V.

novo clero, cujos candidatos recolhia das mesmas regiões para onde depois os reenviaria como novos pastores, mas também garantindo aos padres que ali exerciam a cura de almas as condições mínimas para uma formação do povo mais cuidada e segura. E assim desempenhou a missão de Arcebispo durante mais de vinte anos demonstrando um cuidado particular com os mais carenciados, material e espiritualmente.¹⁶ Por limitações de saúde, pediu por várias vezes ao Papa a resignação, mas esta ia-lhe sendo recusada em nome da eficácia do seu ministério e o prestígio de que revestia uma Igreja então marcada pela decadência moral e doutrinal. Finalmente, a tão desejada resignação foi-lhe concedida em 23 de Fevereiro de 1582, em plena actividade pastoral, logo se recolhendo ao Convento de Santa Cruz (hoje São Domingos) em Viana do Castelo, onde viveu como simples conventual, dedicando-se à formação nas paróquias dos arredores, à assistência aos mais pobres, granjeando fama de santidade que perdurou, entre as gentes da ribeira vianense, até aos dias de hoje. Viria a falecer, na sua cela conventual, a 16 de Julho de 1590.

O Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais

Neste contexto variado e complexo de formação, actividade docente e sobretudo de missão vida pastoral, nasceu e encontra a justificação o estilo do *Catecismo* de Frei Bartolomeu dos Mártires. Trata-se, mais propriamente, de um *Manual* que ele intitulou *Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais*, escrito em língua vernácula,¹⁷ embora não destinado a ser lido pelo povo, que era analfabeto na sua maioria, mas como instrumento de pregação facultado aos próprios párocos com a obrigação estrita, sob pena de multa,¹⁸ de o lerem ao povo, nas celebrações dominicais e nos dias mais festivos, no intuito de “declarar o mistério de cada festa com termos suaves e muito inteligíveis, procurando levantar os ânimos de todos ao

¹⁶ Muito se escreveu sobre os diferentes aspectos da acção pastoral de Frei Bartolomeu em Braga. Referimos particularmente os trabalhos de Frei Raúl de Almeida Rolo com as obras *O bispo e a sua missão pastoral, segundo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Movimento Bartolomeano, Porto 1964; *Formação e vida intelectual de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1977 e *Bartolomeu dos Mártires. Obra social e educativa*, Movimento Bartolomeano, Porto, 1979.. Um resumo dessa acção se pode encontrar em Jorge Alves Barbosa, “Bartolomeu dos Mártires, um estilo de ser Pastor”, comunicação no *VIII Simpósio do Clero*, Fátima, 1 de Setembro de 2015, em vias de publicação.

¹⁷ Isto ao contrário da grande maioria das outras obras dele que foram escritas em latim, língua litúrgica, mas também língua utilizada nos livros de formação, nas aulas de Teologia e nos documentos oficiais da Igreja. Em língua portuguesa escreveria outras obras menores como *Tratado das práticas devotas*, *Epítome das vidas dos Pontífices*, *Compêndio geral das histórias de Espanha, Relação dos reis de Portugal*.

¹⁸ Esta multa poderia chegar aos cinquenta reis, o que não era pouco. O *Catecismo* custaria uns cento e cinquenta reis. As multas eram então frequentes mas tinham uma função meramente pedagógica. Raramente eram cobradas, nomeadamente quando eram aplicadas ao povo.

desprezo do mundo e ao valor dos bens eternos”.¹⁹ Assim, para as celebrações dominicais escreveu a primeira parte – *Doutrina Cristã* – onde expõe as principais verdades da fé; para os dias mais festivos escreveu a segunda parte – *Práticas Espirituais* – ou seja, um conjunto de homilias ou alocuções (ainda há bem pouco tempo designadas precisamente por *práticas*) onde desenvolvia os aspectos teológicos dos mistérios celebrados ou da vida dos Santos e de Maria, a partir de uma análise, comentário e dimensão litúrgica das leituras então proclamadas bem como dos cânticos, nomeadamente o *Intróito*, ou cântico inicial da celebração e o *Gradual*, cântico executado entre as leituras.²⁰

No *Proémio* que abre o plano da obra, Frei Bartolomeu não só expõe a situação de abandono a que se encontrava votada a formação do povo, como denuncia abertamente uma escandalosa incúria de muitos clérigos, marcados por uma profunda ignorância teológica e por uma escandalosa indiferença perante o estado de degradação espiritual e moral dos seus fiéis. Em boa verdade, como o Arcebispo confienciava a São Carlos Borromeu, em Braga, «o clero era numerosíssimo»,²¹ mas era um clero particularmente ignorante, «mais rudes que os seus fregueses»²² e a maior parte deles pouco mais sabia que soletrar um mau latim, razão pela qual nem conseguiam preencher as condições mínimas segundo as quais «o pároco de aldeia cante e leia». Esta situação também encontra alguma justificação no facto de as pregações ao povo estarem então reservadas aos religiosos, mais preparados teologicamente e materialmente mais desprendidos, os quais, nos tempos mais fortes do ano litúrgico, iam de terra em terra para a formação do povo por meio da pregação. O próprio Frei Bartolomeu começou a sua missão de pastor pregando nesses tempos fortes, os Domingos de Advento e Quaresma. Não admira pois que este contexto da pregação e seu enquadramento litúrgico esteja patente na estrutura do *Catecismo*, já que as *Práticas Espirituais* são dedicadas precisamente aos referidos tempos bem como a algumas festas e celebrações em memória de Maria e dos Santos.

Assim se compreende que não seja particularmente simpático o desabafo do Arcebispo acerca da preparação e solicitude pastoral de muitos dos seus padres, com que justifica a edição do *Catecismo*: «E, quanto ao pasto de bom exemplo de vida, todo mundo vê quantos há que, neste caso, mais cumprem com o ofício de lobos que de pastores, quase forçando,

¹⁹ Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro I, Cap. XVIII.

²⁰ Neste aspecto ele é um inovador já que, na sua solicitude para com a formação do povo não só aproveitava das leituras o que lhe parecia mais pertinente, como ele afirma, mas também dos outros textos ou cânticos em latim e constantes do *Missal* (cantados ou então recitados, na maior parte dos casos), cujo conteúdo teológico era considerável para além da inegável beleza poética.

²¹ Carta a S. Carlos Borromeu em 15 de Novembro de 1564, in *Ambrosiana*, f. 36.

²² Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro III, cap. LVI.

com a eficácia do exemplo de sua vida carnal, que as ovelhas também vivam carnal e perdidamente. Quanto à doutrina, que é mais fácil pasto de dar, claro está quão negligentes são os Abades, Reitores e Capelães, em fazer exortações santas e espirituais a seus fregueses nas estações: quão mal lhes persuadem o amor e temor de Deus, ódio de pecados, desprezo das cousas do mundo e desejos do céu. E se alguns dizem algumas palavras, são de maneira que nem pegam, nem fazem fruto, nem edificam as consciências, nem acendem fáiſca alguma de devoção ou de bom propósito, nos corações dos ouvintes; antes tão frios e distraídos se tornam, acabada a missa, como entraram na igreja».²³

O conceito de Catecismo

Um *Catecismo*, no caso concreto da Igreja Católica, é constituído, por definição, pela exposição sistemática dos conteúdos doutrinários da fé, destinada ao esclarecimento e aprofundamento de algo em que já se acredita depois de um primeiro contacto. Não implica, por isso, a apresentação de um anúncio, ou o convite à fé, (tecnicamente designado por *querigma*), nem se destina a proporcionar o primeiro contacto com a mesma fé (a que se chama *evangelização*); trata-se, sim, da exposição de forma sistematizada, de acordo com uma estrutura mais ou menos definida e universal, de um conjunto de conteúdos doutrinários destinados a ser obrigatoriamente conhecidos e vividos por quem aderiu à fé cristã pelo Baptismo. Ao longo da história do cristianismo, houve muitas formulações doutrinárias, com relevo para um documento intitulado *Didaché*, já de finais do séc. I, ao lado de conjuntos de *sermões* a que se chamavam *catequeses*, destinados à formação dos baptizados adultos acerca do significado dos mistérios da fé, vividos e celebrados aquando do seu Baptismo, nomeadamente a seguir à Páscoa (denominadas *catequeses mistagógicas*). Os textos destes sermões ou catequeses eram sempre entendidos como uma espécie de material de apoio a uma exposição feita oralmente pelo responsável da comunidade, muitas vezes o próprio bispo, de acordo com a etimologia grega «katechéo» que significa «ressoar, fazer eco».

A palavra «catecismo» aplicada a uma obra literária de carácter doutrinário apareceu apenas em 1375, designando um trabalho do bispo de York a que ele deu o título de *Lay Folks Catechism*. É no séc. XVI, precisamente na época de Frei Bartolomeu, que ganha especial impulso a criação de catecismos no sentido preciso e actual do termo. Já no ambiente apologético que marcara a realização do Concílio de Trento, por volta de 1555, São Pedro

²³ Proémio ao *Catecismo*.

Canísio publicava, na Alemanha, entre outros, o *Pequeno Catecismo dos Católicos*, em latim, depois traduzido em quase todas as línguas; em 1563, era publicado em França o *Catéchisme et sommaire de la doctrine chrétienne*; em 1564 surgia precisamente o *Catecismo* ou *Doutrina Cristã e Práticas Espirituais* de Frei Bartolomeu dos Mártires. Só dois anos depois, em 1566, a instâncias do Concílio de Trento, era publicado o *Catecismo Romano*, com carácter mais universal e que se tornaria no modelo de referência para a elaboração subsequente dos catecismos locais.²⁴ Já em 1598, em Itália e por acção de São Roberto Belarmino, era publicada a *Dichiarazione della dottrina cristiana*, um dos mais célebres catecismos de então, depois traduzido em várias línguas, contribuindo até para um certo abandono do *Catecismo* de Frei Bartolomeu, em nome da universalidade doutrinal e tendo em conta o inegável prestígio.

A elaboração dos catecismos, nomeadamente a partir das orientações de Trento, implicava um estilo de exposição tendencialmente homilético, e era frequente incluírem, para além da exposição sistemática das verdades da fé, algumas homilias ou sermões, destinados às grandes festas do ano litúrgico como Natal, Páscoa, festas marianas e de alguns santos mais importantes, até para que tais festas não se limitassem à mera exposição da doutrina, como advogava, entre outros, o próprio Frei Luís de Granada, ele também autor de um *Catecismo* publicado em 1559. A finalidade dos catecismos e a urgência da formação da fé do povo tinha objectivos diferentes conforme as regiões da Europa quinhentista. Enquanto nos países do norte e centro do continente a preocupação se centrava no combate à chamada heresia protestante, decorrente das recentes posições doutrinárias de Lutero, Calvino ou Zwingli, em Portugal e Espanha, onde, mercê do controlo da Inquisição e também da solicitude dos monarcas católicos, não sopravam ventos nem se elevavam faúlhas de heresia, o grande combate orientava-se de preferência contra a ignorância religiosa de que vimos falando a propósito do ambiente encontrado por Frei Bartolomeu na sua Arquidiocese de Braga.

A experiência colhida nas visitas pastorais, os sermões proferidos nomeadamente no Advento e Quaresma com que iniciara a sua missão pastoral, e pelos quais instruía o povo

²⁴ Na estruturação deste *Catecismo Romano* teve um particular relevo o trabalho do dominicano português Frei Francisco Foreiro, um intelectual brilhante a cujos cuidados, no ensino e formação, o próprio Frei Bartolomeu dos Mártires entregara o Cardeal Carlos Borromeu, que desde que se conheceram em Roma, se tornara seu grande amigo e confidente. Frei Francisco Foreiro já fora um dos peritos do Concílio de Trento. Conta-se que, tendo sido um dia convidado para fazer um sermão aos cardeais e outros participantes no Concílio, prática então frequente, terá perguntado se pretendiam que falasse em latim, em grego ou em hebraico.

usando com «uma pregação simples e clara exposição doutrinal, para que todos entendessem», ensinando «doutrina acomodada, de modo a levar os fiéis à prática das virtudes, à vivência cristã e à fuga dos vícios»²⁵ encontraria ainda uma sintonia perfeita com as determinações do Concílio de Trento que exortavam os bispos a cuidarem da formação dos seus fiéis através da exposição doutrinal em língua vernácula. Não admira, pois, que logo que chegou de Trento, em finais de Fevereiro de 1564, Frei Bartolomeu tenha metido mãos à obra na elaboração do *Catecismo*, ao ponto de ter concretizado a sua publicação a 4 de Novembro do mesmo ano, ou seja, dois anos antes da saída do *Catecismo Romano*.

O espírito que presidiu à elaboração deste *Catecismo* é bem o espelho da sensibilidade bartolomeana face os limites e dificuldades do seu povo ao lado da conveniente ilustração dos seus padres,²⁶ pelo que, nas palavras de Frei Luís de Sousa, «deixou flores de retórica, explicações agudas e conceitos levantados, que serviam para orelhas delicadas, e entendimentos mimosos, para os penetrar e fazer efeito a doutrina medicinal a modo de bom guisado, e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara que servisse para todos».²⁷ Convicto de que, como assegura pelo *Estímulo de Pastores*, as obrigações de um pastor face aos fiéis são as de rogar por eles e dar-lhes bons exemplos de doutrina, ao escrever o *Catecismo*, Frei Bartolomeu propõe-se, como refere no *Proémio*, «ordenar a seguinte doutrina acomodada ao propósito que disse, *scilicet*, qual convém pera se dizer à gente popular, pera os trazer a algum conhecimento e amor de Deus. E, por isso, não quis multiplicar *autoridades*, nem trazer doutrinas de Teologia escuras e difíceis de entender. Somente escolhi

²⁵ “Quem deixa alastrar o vício (diz Santo Agostinho) para não contristar o pecador, é tão compassivo como aquele que não tira a faca da mão duma criança, para não a ver chorar; e não receia ter que lamentar vê-la ferida o até morte. Acordam-se os letárgicos, amarram-se os frenéticos, mas tem-se amor a ambos” (Frei Bartolomeu dos Mártires, *Estímulo de Pastores*, p. 286-287). Interessante o testemunho deixado por Dom Rodrigo da Cunha, um dos seus sucessores “Era para ver o santo prelado ocupando-se todo por estes lugares em ensinar o Sinal da Cruz e o Padre-Nosso aos meninos, tomando-lhes ele próprio a mão, e formando-lhes com ela as cruzes, ajudando-os a formar e pronunciar as palavras sagradas: eles lhe tinham já tão cobrada afeição que ao caminho o vinham receber, e repetir a doutrina passada: levava-lhes sempre o santo algum mimo ou coisa de devoção para mais os espertar a irem por diante”.

²⁶ Frei Bartolomeu escreve: “como já temos dito, não é tanto a nossa intenção neste livro ensinar os sacerdotes, como ensinar o povo, a cuja capacidade e necessidade nos imos acomodando. E, por isso, somente aquelas coisas tocaremos que bastam para alguma instrução do povo” (*Catecismo*, Introdução ao Tratado dos Sacramentos). Efectivamente, para a formação do clero, a sua principal obra foi a criação do Seminário Conciliar de Braga, entregando a formação dos seminaristas aos padres jesuítas, com relevo para Inácio de Azevedo. Sobre a responsabilidade do clero na formação do povo, ao tratar o sacramento da Ordem, deixa-se levar pelo tom exortativo, escrevendo: “A vós, ordenados no sagrado sacerdócio, lembro que conheçais a alteza de vosso grau e ofício. Sois elevados acima do povo cristão, como mestres e capitães do exército de Cristo, médicos das almas, dispensadores dos mistérios de Deus, legados de Deus ao mundo, medianeiros entre Deus e povo, ministros da reconciliação dos homens com Deus, tesoureiros das riquezas celestiais, estrelas do mundo escuro, anjos de Deus, de cuja boca os outros hão-de requerer a ciência da salvação. Vós sois os espelhos em que os outros se hão-de ver. Finalmente, vós sois aqueles de cuja vida depende o bem ou o mal do mundo. (*Catecismo*, Livro I, Parte III, Cap. VII).

²⁷ Frei Luís de Sousa, *Vida*, Livro I, cap. XIV.

aquilo que me pareceu ser mais conveniente a este propósito».²⁸ Vemos assim o Mestre e Doutor em Santa Teologia acomodado agora, como bom pedagogo, ao sentir e à capacidade do seu povo, procurando ajudando-o a crescer no conhecimento e amor de Deus, evitando o brilho das doutrinas difíceis de entender, embora apoiadas nas teses dos grandes mestres ou *autoridades*, tanto ao gosto dos intelectuais, e outrora cultivadas nas cátedras da Batalha e de Lisboa. Assim, ao contrário de outras obras congêneres que proliferavam naqueles tempos conturbados pela heresia, mas também animados por um verdadeiro renascimento espiritual e teológico no seio da Igreja Católica, Frei Bartolomeu optou no seu *Catecismo* por uma exposição abreviada da doutrina, embora não descurando os pontos essenciais, estabelecendo uma relação estreita entre os diferentes conteúdos e criando uma estrutura cuja originalidade muito contribuiria para uma perspectiva mais viva e orgânica da doutrina cristã.

A doutrina do Catecismo bartolomeano

A preocupação de Frei Bartolomeu não ia tanto no sentido de uma aprendizagem de conceitos, formulações ou conteúdos, nem muito menos se orientava para a capacidade de responder a determinadas questões que caracterizavam tradicionalmente a elaboração do texto das *cartilhas* doutriniais ou dos pequenos manuais de formação cristã, elaborados ao estilo pergunta-resposta, ou seja, o que era preciso “saber” para ser um bom cristão. O estilo de exposição presente no *Catecismo* de Frei Bartolomeu visava antes uma vivência prática dos conteúdos apreendidos, sendo dirigida mais ao coração que à inteligência, no sentido de “o que era preciso fazer” para ser bom cristão.²⁹ Encontramos, por isso, nesta obra, um estilo directo, incisivo, indo ao encontro de cada pessoa concreta, evitando quer a prolixidade das explicações quer a exuberância oratória evidenciada por outros autores. Tal opção não impede que o estilo do presente texto esteja muito próximo da arte oratória, já que se destinava a ser lido ao jeito de «sermãozinho» dominical como ele gostava de lhe

²⁸ Isso não o impede de, no texto do *Catecismo*, citar com frequência *autoridades* como os Padres da Igreja, São João Crisóstomo, Santo Agostinho e outros, ou teólogos como Santo Alberto Magno, nem consegue evitar, de vez em quando, o resvalar para uma linguagem que não é, de todo, simples de entender. Não será difícil de imaginar o que passaria pela cabeça dos fiéis das paróquias bracarenses ao escutar certas explicações do *Catecismo*, como esta: “Pressupondo primeiro que crer não é outra coisa senão um fortíssimo apegamento e firmíssimo assentimento que o nosso entendimento alumiado por Deus dá às coisas por Ele reveladas, como é crer certissimamente que Deus, sendo verdadeiramente um em substância e essência ou natureza é trino em pessoas, *scilicet*, Padre, Filho e Espírito Santo...” (*Catecismo*, Livro I, Parte I. cap. V)

²⁹ Esta relação entre o “saber” e o “fazer” não só representa uma forma correcta e mais responsável, e até muito actual, de viver a fé, mas corresponde também ao próprio conteúdo do Evangelho. Ali, as pessoas não perguntam a Jesus “o que é preciso saber” para entrar no Reino dos Céus, mas “o que é preciso fazer”. Veja-se o exemplo do jovem rico em Mt 19, 16-17; Mc 10, 17-22 e Lc 18, 18.

chamar e segundo as orientações do próprio Concílio de Trento. Mais, poderíamos dizer que a exposição doutrinal de Frei Bartolomeu decorre directamente da sua própria vida pessoal, da sua experiência espiritual, da sua prática litúrgica e do seu agir moral. Tanto é assim que, por vezes, não teme ousar propostas quase impraticáveis para um cristão comum, mas que para ele eram perfeitamente normais. Quase parecemos ler no seu pensamento: se eu consigo fazer isto também vocês podem conseguir... Ora isto não era fácil tanto para os fiéis que o escutavam como para os colaboradores que o seguiam nas visitas pastorais a quem obrigava a longas caminhadas, sob o peso de um contínuo jejum provocado pela austeridade de uma refeição reduzida a um pouco de pão, um ou dois ovos e um pouco de água, apesar das reforçadas e apetitosas refeições para que eram frequentemente convidados pelos senhores importantes das terras que visitavam.

Sem pôr de lado a importância da exposição clara das verdades da fé expressas no *Credo*, ou a necessidade de apresentar um conjunto de orientações de ordem moral com base nos *Mandamentos*, ou ainda a prática cristã centrada nos *Sacramentos* quais «condições de sobrevivência da vida espiritual», encontramos no *Catecismo* bartolomeano uma perspectiva marcadamente pastoral, onde a articulação entre os conteúdos doutrinários e a dimensão parenética ou exortativa se encontram equilibradas no sentido de que o crescimento e aprofundamento da fé promovam uma prática e acção coerente. Para além desta dimensão marcadamente pastoral, encontramos também aí algo que era novidade para o tempo: uma dimensão litúrgica. Frei Bartolomeu procura formar crentes que não só conheçam as verdades da fé e actuem de acordo com uma orientação moral daí decorrente, mas procura formar crentes que celebrem a sua fé através da participação nas assembleias dominicais em que a mesma fé é exposta. O seu conceito de Igreja é o conceito de uma Igreja que reza, que celebra a sua fé em cada Domingo, que a concretiza em acções do quotidiano, a partir e em consequência da participação na Eucaristia dominical. E não temos dúvidas de que, neste ponto, como em outros do pensamento bartolomeano, encontramos a visão de um profeta que apenas o século XX, e particularmente o Concílio Vaticano II, haveriam de valorizar: a caridade como consequência da Eucaristia, como expressão da fé, e a fé como desafio incontornável à acção em favor dos outros, particularmente os mais carenciados com quem se deve repartir não o que nos sobra mas o que temos.³⁰ Não admira que, depois de abordar «as excelências da Caridade», ao introduzir o Mandamento de «amar o

³⁰ São muitas as histórias de Frei Bartolomeu a este respeito como o facto de ter oferecido os reposteiros do seu quarto a uma mulher que precisava de pano para um vestido ou ter lançado pela janela a roupa da cama da sua cela conventual, em Viana do Castelo, a uma noiva que não tinha com que preparar o seu leito nupcial. Esta última está documentada numa lápide em pedra por debaixo da janela da mesma cela.

próximo», Frei Bartolomeu faça a seguinte recomendação: «Lembro aqui que este capítulo se leia e repita muitas vezes ao povo por ser de singular proveito». Tal como ele próprio gostava de praticar a caridade e nos deixou testemunhos de particular sensibilidade para as carências do próximo, também propunha, quase exigia, aos seus fiéis esta dimensão da caridade como forma de concretizarem a fé e a sua condição de discípulos de Cristo.

A estrutura do Catecismo e a dinâmica da formação

O *Catecismo Romano* haveria de propor, até aos nossos dias, uma estruturação da doutrina em quatro partes fundamentais: 1) a exposição dos conteúdos fundamentais da Fé, com base no *Credo* (Frei Bartolomeu usa o *Símbolo dos Apóstolos* e não o *Símbolo Niceno Constantinopolitano*, mais longo); 2) uma dimensão de ordem moral comportamental com base nos *Mandamentos da Lei de Deus*; 3) uma dimensão litúrgica e celebrativa com base na exposição sobre os *Sacramentos* com particular relevo para a Eucaristia e 4) uma dimensão mais orientada para a oração pessoal, com base no *Pai Nosso*. Frei Bartolomeu, propõe os mesmos conteúdos, mas de uma forma articulada e orgânica, onde cada parte se explica e desenvolve na outra, de tal modo que não se pode compreender cada elemento sem a sua relação com todos os outros. Podemos resumi-la neste quadro:

Um diagrama que apresenta uma grade 3x3. À esquerda da grade, uma seta vertical aponta para baixo. Acima da grade, uma seta horizontal aponta para a direita. A grade contém os seguintes termos:

FÉ	ESPERANÇA	CARIDADE
CREDO	PAI NOSSO	MANDAMENTOS
BAPTISMO	CONFIRMAÇÃO	EUCARISTIA

A articulação e dinâmica dos conteúdos do *Catecismo* poderão ser compreendidas a partir desta grelha, lida tanto em sentido horizontal como vertical: lida em sentido horizontal, apresenta-nos as virtudes teológicas (Fé-Esperança-Caridade), os conteúdos da fé de acordo com a sua fundamentação bíblica (Credo, Pai Nosso e Mandamentos); finalmente os Sacramentos, em particular os da Iniciação Cristã (Baptismo, Confirmação e Eucaristia);

lida em sentido vertical, permite-nos identificar a relação entre a fé, a sua formulação contida no Credo e o Sacramento pelo qual nos abrimos à mesma fé: o Baptismo; na segunda coluna a Esperança é fundada, esclarecida amadurecida pela oração, em particular do Pai Nosso, no qual «exercitamos a virtude da Esperança» e por uma especial relação com Deus que é expressa particularmente na pessoa do Espírito Santo infundido pelo Sacramento da Confirmação; na terceira coluna podemos ver como a caridade é a forma cristã de viver e cumprir os Mandamentos, já que o Mandamento Novo dado por Jesus é o mandamento da caridade; ora a caridade tanto dimana como faz convergir a vida cristã para a Eucaristia, expressão sublime da chamada comunhão na Igreja: comunhão sacramental na Eucaristia, comunhão mística com todos os outros de quem o cristão se coloca ao serviço e, finalmente, comunhão de bens ou partilha a exemplo dos primeiros cristãos que «tinham tudo em comum».³¹ Como Frei Bartolomeu escreve, «depois que temos tratado as cousa que Deus manda crer, como se manifestou na declaração do Credo e assim das coisas que nos manda esperar, desejar e pedir, como também se declarou na oração do *Pater Noster*, convém tratar agora do exercício da caridade, *scilicet*, das coisas que Deus nos manda fazer».³² Podemos dizer que, neste esquema articulado e orgânico, se encontra resumido o conteúdo do *Catecismo* bartolomeano. A importância da Eucaristia na estrutura do *Catecismo* é demonstrada ainda pelo desenvolvimento dado ao tema ao tratar dos sacramentos, pela presença de uma *prática* especial sobre a Última Ceia de Jesus, e pela recomendação para que esta parte seja lida nas celebrações dominicais com alguma frequência a fim de que os fiéis se tornem cada vez mais conscientes do valor e importância da participação na Missa. No fundo, a convicção de que, como haveria de proclamar o Concílio Vaticano II, a Eucaristia é a «fonte e cume da vida cristã».³³

O *Catecismo* de Frei Bartolomeu dos Mártires foi pensado, escrito e dirigido expressamente aos fiéis da Arquidiocese de Braga, a partir da realidade por ele constatada, e da sua consciência de pastor, fundamentada nos escritos dos santos padres já compendiados no *Estímulo de Pastores*, mesmo que pudesse com ele responder ainda às solicitações do Concílio de Trento de onde acabara de regressar. No entanto, tal como o *Estímulo de Pastores* que, por obra e graça de São Carlos Borromeu haveria de ganhar um relevo universal, consagrado séculos mais tarde pela sua distribuição aos participantes nos Concílios Vaticano I e II, também o *Catecismo* depressa ultrapassou as fronteiras da Arquidiocese bracarense, adquirindo progressivamente uma dimensão nacional e depois internacional.

³¹ Act 2, 44 e 4, 32.

³² *Catecismo*, Livro I, Parte III, Introdução aos Mandamentos.

³³ Concílio Vaticano II, *Constituição «Sacrosanctum Concilium»*, n. 10.

De facto, apenas a primeira edição, de 1564, haveria de ser impressa em Braga; já em 1566 se fazia uma edição «por mandato de El-Rei», tendo tido quinze edições no espaço de trinta anos. Em 1785, aparecia a última edição seguindo-se o quase esquecimento ou mesmo rejeição, vítima das vicissitudes de uma Igreja que cedia à mentalidade profana e também à arrogância de políticos, como o Marquês de Pombal, sem esquecer alguma incompetência e falta de zelo pastoral dos bispos portugueses, dominados pela força das doutrinas jansenistas que não se compaginavam com a ortodoxia e o rigor patentes no texto bartolomeano. Passariam quase dois séculos até à edição cuidada por Frei Raúl de Almeida Rolo em 1962, ou seja quase quatrocentos anos depois da primeira edição e no contexto do movimento religioso e doutrinal que efervescia numa Igreja que andava preparando o Concílio Vaticano II. Paralelamente à sua difusão nacional também o *Catecismo* foi alvo de atenções além-fronteiras, com duas edições em Espanha e uma tradução latina atribuída ao dominicano Jacques Quéatif,³⁴ mais tarde incluída num reduzido conjunto de obras publicadas em 1735, em Roma, sob a imprecisa designação de «opera omnia», por um dos mais apaixonados divulgadores da figura e obra bartolomeana que foi Dom Malachie d' Inguibert.³⁵

Breves notas à leitura do Catecismo

Escrever em língua vernácula uma obra cujo conteúdo deveria ser apoiado na precisão vocabular da língua latina; apresentar a doutrina cristã dentro dos parâmetros e limites da expressão popular quando se foi educado e se leccionou durante décadas em língua latina; traduzir para uma linguagem simples a complexidade dos dogmas e da especulação teológica, tantas vezes condicionados ainda pelas subtilezas de conceitos (que exigia, em cada Tese, a explicação dos termos) e pela carga de uma tradição teológica e filosófica influenciada quer pela cultura grega quer pela latina, constituía um desafio não pequeno para o autor do *Catecismo*. Por isso, o presente texto revela-nos um autor que pensa em latim, que traduz o latim, e lá vai tentando explicar-se, o melhor que pode, em língua vernácula, mas sem se livrar da necessidade de contínuas explicações e acertos de linguagem com recurso a um reiterado *scilicet* («quer dizer», «ou seja») que povoa o texto a

³⁴ Jacques Quéatif (1618-1698), dominicano francês, historiador e bibliotecário da ordem dominicana no Convento de Saint Honoré em Paris. A sua obra, concluída postumamente, levou como título: *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti notis historicis et criticis illustrati auctoribus*.

³⁵ Malachie d' Inguibert ((1683-1757) era monge cisterciense e depois foi Bispo de Carpentras.

partir das primeiras páginas. Essa presença do latim nota-se ainda em expressões que mais do que tradução correspondem a uma transliteração como «de juro»³⁶ a traduzir «de jure» e que deveria traduzir-se então por «de direito»; a utilização de palavras como «aviventar» por «dar a vida», «derramados» por «dispersos». Encontramos, por exemplo, a palavra «sacramento» traduzindo a palavra latina «sacramentum» num contexto em que a tradução correcta seria «mistério»; usa a palavra «artifício» para significar capacidade ou habilidade; na passagem do Evangelho de São João que diz «nemo venit ad Patrem» Frei Bartolomeu traduz literalmente por «ninguém vem ao Pai» ao passo que habitualmente se traduz «ninguém vai»;³⁷ ao traduzir o profeta Isaías utiliza a palavra «tirar» no sentido de «puxar».

Aludimos anteriormente ao facto de Trento preconizar para os catecismos um estilo oratorial que Frei Bartolomeu já assumira em função da sua experiência pastoral. Encontramos disso alguns sinais nomeadamente no recurso aos *exemplos*, pequenas comparações ou historietas, muitas vezes retirados da obra dos mestres, que poderão ser mais esclarecedores do que as meras explicações e constituíram sempre uma ferramenta do agrado dos pregadores e do povo, como esta comparação: «As nossas virtudes perante as virtudes de Cristo são como as pérolas que só brilham perante o sol; faltando-lhes o sol perdem o brilho».³⁸ Por outro lado, o sabor popular da narrativa, procurando impressionar os fiéis, encontra-se em textos como aquele em que coloca em paralelo o corpo morto de Jesus com o Seu corpo ressuscitado: «desfigurado, amarelo, denegrado, cheio de nódoas negras, pisaduras, ossos desconjuntados, olhos quebrados» contraposto a «imortal, incompassível, subtil e ligeiro; mais claro que o sol e mais belo e fermoso do que se pode entender».³⁹ E esta necessidade de impressionar, e uma quase obsessão relativamente aos pecados da carne levam Frei Bartolomeu a uma linguagem forte de que é exemplo o comentário à flagelação de Jesus: “Assim também a fedorenta chaga da luxúria não se cura melhor que com a consideração dos Seus açoites. Tu estás, ó luxurioso, torpemente deleitando tua carne e Ele sofre açoites na Sua, para que tu, por amor d’Ele, renunciés a esses deleites”.⁴⁰

³⁶ *Catecismo*, Livro I, Cap II.

³⁷ Jo 14, 6.

³⁸ Citação de Santo Alberto Magno (*Catecismo*, Livro I, Cap. II). Este tipo de historietas e exemplos sempre carregou consigo o risco de a compreensão se ficar pelo *exemplo*, pela historieta edificante sem atingir a profundidade do significado, como já acontecia com as parábolas de Jesus que muitos “ouviam, mas não entendiam” (Mt 13, 14-15 e Is 6, 9-10).

³⁹ *Catecismo*, Livro I, Parte I, Cap. IX

⁴⁰ *Catecismo*, Livro I, Parte I, Cap. VIII. Faz lembrar alguns os textos das homilias de São Macário de Alexandria (séc. IV).

Ao explicar a importância dos primeiros cinco sacramentos como «coisas essenciais para a vida espiritual» estabelece uma analogia com a vida corporal que precisa também de cinco coisas para subsistir: «Primeiramente, para a vida corporal é preciso nascer, depois crescer; é também necessário comer e beber; e sobrevindo a doença grave de maus humores, é necessária mezinha e purga que os lance fora ou sangria que lance fora o sangue corrupto; e lançados fora os humores corruptos, é necessário tomar alguma coisa para confortar e esforçar a natureza para que torne a cobrar forças que pela doença estava estragada ou debilitada».⁴¹ Quando comenta, ao tratar do *Pai Nosso*, a expressão «o pão nosso de cada dia nos dai hoje», fá-lo deste modo: «Assim como os filhos não emancipados que não saíram da casa do pai, mas de sua mão vivem, de cuja providência estão todos dependurados, assim nós afirmamos não ter de nós nada nem nos podermos valer se o nosso Padre celestial nos não sustentar, de cuja confiança todos nós dependemos e não do nosso trabalho e diligências».⁴² Particularmente sensível à pobreza da sua gente e a uma certa indiferença dos mais ricos, explica assim a primeira das Bem-aventuranças: «Pobreza voluntária não é outra cousa senão o desprezo de toda a riqueza. De maneira que ainda que o homem seja rico, todavia não tem o coração pegado e guardado com sua fazenda, mas livre e solto. E isto nasce de ter posto o seu coração e afeição em outras riquezas maiores, isto é, nas espirituais e celestiais. E por isso diz o Senhor: “Bem-aventurados os pobres em espírito”, quer dizer de vontade espiritual movida ao desprezo das coisas terrenas pelo amor que tem às espirituais e eternas».⁴³

Não sendo este o lugar para uma apreciação do discurso teológico bartolomeano, podemos, a título de exemplo, apontar algumas imprecisões como quando afirma que a expressão «Pai Nosso», na oração do mesmo nome, se refere às três pessoas da Santíssima Trindade, ao passo que quando dizemos «creio em Deus Pai» nos referimos apenas à primeira pessoa da Santíssima Trindade,⁴⁴ quando deveria dizer precisamente o contrário. Outras vezes, o discurso bartolomeano, centrado na teologia, facilmente desliza para um conteúdo moralizante: ao falar da Virgindade de Maria no contexto do mistério da Encarnação do Verbo de Deus, resvala para o tema da virtude da castidade a que são chamados todos os cristãos,⁴⁵ situando «nos rins» a base de todos os vícios numa interpretação muito livre do texto do Evangelho de São Lucas: «tende os vossos rins

⁴¹ *Catecismo*, Tratado dos Sacramentos, Livro I, Parte III, cap. I, “Dos Sacramentos em geral”.

⁴² *Catecismo*, Livro I, Parte II, Cap. V.

⁴³ *Catecismo*, Livro II, “Sermão em honra de Todos os Santos”.

⁴⁴ *Catecismo*, Livro I, cap. V.

⁴⁵ *Catecismo*, Livro I, cap. VII

cingidos»,⁴⁶ algo que significa simplesmente «estai sempre prontos para partir» e não propriamente «lutar contra os pecados da carne». O mesmo acontece quando interpreta literalmente a «descida de Jesus aos Infernos» como se Jesus tivesse ido ao «lugar dos condenados» e não ao «lugar dos mortos», em hebraico *sheol* que, logo a seguir designa mais correctamente por «escuro lugar».⁴⁷ Uma curiosidade teológica consiste na inclusão do artigo do Credo sobre a comunhão dos Santos no artigo sobre a Igreja: «Creio na Igreja, na qual há comunhão dos Santos».⁴⁸ Exemplo da visão de futuro em Frei Bartolomeu é também a designação dos sacramentos da Ordem e Matrimónio como «sacramentos necessários à comunidade do género humano» ou, como se diz hoje, «sacramentos de serviço à comunidade».

Conclusão

Na apresentação do *Catecismo*, em edição por ele cuidada, em 1962, Frei Raúl de Almeida Rolo escrevia: «Nesta primavera espiritual de rejuvenescimento autêntico da vida cristã, volta a ter lugar, na condução e orientação dos espíritos, uma obra doutrinal simples na forma, breve nos temas, detalhada nos assuntos, profunda e segura na doutrina». Cremos que estas palavras adquirem um sentido renovado quando se apresenta agora uma obra deste género como fazendo parte das *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*. O *Catecismo* de Frei Bartolomeu dos Mártires não é apenas uma obra de formação cristã, em cuja leitura nos deveremos condicionar a uma abordagem meramente teológica, mas poderá ser lido segundo um leque variado de perspectivas que justificam, hoje, a sua publicação como a justificaram na sua primeira edição há quase quinhentos anos: poderemos identificar nele uma espécie de «crónica de costumes», já que na abordagem dos temas de carácter moral, nomeadamente ao tratar dos Mandamentos, Frei Bartolomeu vai apontando alguns tipos de vícios que encontrava aqui e além, nas visitas pastorais, nomeadamente por meio das chamadas «devassas», como poderemos constatar ainda pela leitura das respectivas Actas;⁴⁹

⁴⁶ Lc 12, 35:

⁴⁷ *Catecismo*, Livro I, cap. IX.

⁴⁸ Habitualmente os dois artigos são proclamados como separados: Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica, na comunhão dos Santos. É interessante esta associação já que no nosso tempo, Joseph Ratzinger fazia algo parecido ao integrar o artigo “creio no Espírito Santo” no artigo “creio na Igreja”, escrevendo “Creio no Espírito Santo na Igreja” (Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, Ed. Princípia, Cascais, 2005, p. 241).

⁴⁹ A «devassa» era uma espécie de denúncia anónima dos defeitos e vícios mais presentes numa determinada comunidade ou numa determinada pessoa, que poderia muito bem ser o pároco, em ordem a uma correcção que poderia passar por castigos de ordem diversa. Mas até no trato em tais situações Frei Bartolomeu era particularmente equilibrado: muito rigoroso a debelar o pecado, mas muito terno e condescendente com o

outro aspecto que poderá ser objecto de um estudo aprofundado é da comparação da forma como certos temas teológicos são abordados nos *Escritos Teológicos* e no *Catecismo*, procurando compreender de que modo Frei Bartolomeu se adapta ou não aos objectivos pastorais desta obra; poder-se-ia também fazer uma análise cuidada ao texto no sentido de identificar o que é efectivamente exposição doutrinal, verdadeiro objectivo de um *Catecismo*, e o que são comentários ou certos «apartes» do autor, fruto de uma leitura pessoal ou de convicções que estão para além do que será a estrita doutrina oficial da Igreja; poder-se-á fazer ainda uma análise comparativa do estilo de linguagem relativamente a outros catecismos, nomeadamente o de Frei Luís de Granada, etc.

De uma coisa estamos certos: encontramos-nos em presença de uma obra pioneira: pelo enquadramento na história da formação cristã do povo português e no contexto europeu como se pôde ver; pela forma ousada como Frei Bartolomeu se aventurou a escrever em língua portuguesa, para ser lido em público, um livro sobre a doutrina cristã, numa época em que os ventos de heresia sopravam fortemente de todos os lados e a conotação das línguas vernáculas não era muito positiva em termos de linguagem teológica ou litúrgica;⁵⁰ pelo alcance histórico e capacidade de visão que o seu autor demonstra relativamente à teologia e à liturgia, apontando ideias e revelando intuições que haveriam de ser consagradas séculos depois.⁵¹ Penso que a surpresa que me foi sendo provocada pelas sucessivas leituras desta obra, em diferentes contextos e com objectivos diversificados, é a demonstração de que se trata de um verdadeiro tesouro escondido de onde, à maneira da Palavra de Deus, se podem sempre retirar «coisas novas e coisas velhas».⁵²

Viana do Castelo, 15 de Março de 2018

Jorge Alves Barbosa

pecador. Estas situações estão documentadas em Franquelim Neiva Soares, “Aspectos socio-religiosos das visitas bartolomeanas pessoais no Distrito de Viana do Castelo”, in *Jornadas Bartolomeanas*, Viana do Castelo, 2015 e *Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, Visitações Pastorais Pessoais*, Ed. Arquidiocese de Braga, Braga, 2014.

⁵⁰ Hoje em dia temos alguma dificuldade em compreender este receio das línguas vernáculas; mas era tal a preocupação de que o seu uso se tornasse fonte de heresia que não só a leitura da Bíblia não se podia fazer em língua vulgar, ao contrário do que advogavam os protestantes, como se chegou ao ponto de proibir aos católicos a leitura da própria Bíblia. Esse temor apenas seria afastado já em pleno séc. XX, com o desenvolvimento dos estudos bíblicos e o apreço pela leitura da Sagrada Escritura veiculado em vários documentos pontifícios e, finalmente, pela *Constituição “Dei Verbum”* do Concílio Vaticano II.

⁵¹ Na edição do *Estímulo de Pastores*, Frei Raúl de Almeida Rolo apresenta em apêndice aos diferentes capítulos uma resenha de textos do Concílio Vaticano II que abordam os mesmo assuntos, podendo-se notar desde logo a profundidade e a visão de futuro do pensamento bartolomeano. O mesmo se poderia fazer relativamente aos textos do *Catecismo*. Não é difícil ver que se trata de um campo particularmente fecundo.

⁵² Mt 13, 51-52.